

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Petersbourg
Antiquários
ANNO. 1884. — T. I. — N.º 7.
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.

5 francos per numero
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.

1º Anno. — Volume I. — Número 7.

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1884

Director : M. R. P. Pina

RIO DE JANEIRO

GAZETA DE NOTÍCIAS, 79, R. do Olímpio,
Assinaturas
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.
Ano. 1884. — T. I. — N.º 7.

12.000
10.000
14.000
500

SALON DE PARIS DE 1884



UM METING

Quarto de M^r Basilius

SUMMARY

TEXTO: *Chronica*, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: *Um meeting*; *O cholera em França*; *A casa do campo do presidente da República francesa*. — *Per amica silentia possis*, por Luis Guimaraes. — *O ultimo homem e a ultima moeda* (conto), por Quatrolles. — *Noite imperialista*. — *Theatros*, por J. Miranda. — *Passeio ao tempo*. — Um desenho de Gavarni. — A nossa agência.

GRAVURAS: *Um meeting*, quadro de M. Bushkireff. — *O cholera em França*: O hospital de Saint-Mandrier próximo de Toulon; Aspecto d'um casal em Toulon, durante a noite, quando se acendem as foguetes d'alecrim; Os últimos que fogem de Toulon; Desinfecção a que eram sujeitos os viajantes de Toulon e de Marselha ao chegarem a Paris; Os doutores Faivel, Proust e Brouardel. — *Paris pitoresco*: O mercado das flores, desenho original de Amédio. — *A casa do campo*, quadro de Lobrichon. A casa de campo do presidente da República francesa em Mont-sous-Vaudrey. — Um desenho de Gavarni.

CHRONICA

ERAM dez horas da noite. Apesar de todos os receios d'uma invasão do cholera, Paris saboreava o seu *14 de julho*, o anniversario da tomada da Bastilha, a festa oficial da Republica francesa.

A tarde tinha refrescado; a bandeira tricolor sorria com o seu bonito sorriso escarlate pelas varandas, pelas telhados, pelas torres e pelos zimbórios; no ar fluctuavam alegrias de hymnos, batos de *Marselheza*

que o vento trazia já de longe — e quando a noite desceu a população de Paris saiu toda para a rua.

Uma onda de multidão em festa rolava pelos boulevards, pelas avenidas; chegada à praça da Concordia alastrava-se como n'uma grande balsa a que dois cerros dão passagem; e subia e descia pelos Campos Elyseos, narizes no ar, olhando as lumírias, os fogos d'artificio, os focos de luz eletrica, e os enormes fogachos de gaz estrechando, debatendo-se na escuridão, lambendo a noite, sequiosamente...

Ha um certo prazer, todas as vezes que se pode, em ver a multidão. Um certo interesse mesmo.

Um homem isolado, posto diante d'outro homem que o observa e que o estuda, apanhando-lhe gestos, fallas, maneiras de se expressar e maneiras de olhar, de fumar, de comer ou de rir, pode ser um excellente homem. Na multidão, tendo posto de lado as suas responsabilidades individuais, deixando de ser um *todo* para ser somente uma *parte*, esse homem pode ser um bandido! E esta massa de gente, esta mistura de classes, d'idades e de sexos, bafejada, animada por um ar de revolta ou de festa é como que a photographia da alma d'um povo, alma que por um instante se materializou ao passar em frente da objectiva que a devia surprehender.



— E todas estas cousas tão tristes e tão insípidas que os srs. acabam de ler... pensava-as eu ao ver da *terrasse* do *Café da Paz* a multidão parisiense, multidão por vezes banal, quasi sempre melancólica, aspecto de pasmaceira saloia para a primeira insignificância que lhe saía diante dos olhos, rindo da primeira caréta d'um palhaço rôto, aplaudindo a primeira semsaboria que um cantor de praça, atacado de furor artístico, está ganindo debaixo d'uma janela.

Onda popular verdadeiramente insípida. E em todo o caso formada dos typos mais pittorescos que Paris posse nas suas classes inferiores. Como a mudança se opõe, transformando individuos originaes em massa vulgar, é que eu não sei explicar-lhes. As physionomias no tumulto perdem expressões particulares, tics, detalhes, traços characteristicos. Até desaparecem os fatos, os costumes tão peculiares a cada classe. Tudo se banalisa. São filas cerradas de insipidez. É a multidão absorvendo, destruindo, a originalidade de cada qual...

— Paris não deve ser apreciado nem julgado pelos ajuntamentos, sobretudo pelos ajuntamentos em dia de festa. O povo que todos os dias da semana atravessa os grandes boulevards, ligando-lhes a mesma importância que elle liga ao seu boulevard exterior, no dia em que se anuncia festa tendo que descer expressamente para o coração da cidade — o povo parisiense faz logo *toilette* e toma aires. Não quer mais ser povo — quer-se confundir com os burgueses, com os pequenos comerciantes; as mulheres imitam as bôas burguezas do *faubourg Saint-Denis*, os homens parecem-se com empregados de secretaria.

A parte este bello *gamin* de Paris, este *va-nu-pieds* trepando constantemente para o cimo de todas as arvores, aparecendo em todos os lugares cujo acesso é terrivelmente defendido pela polícia, tendo sempre prompta uma chalaça para atirar a todas as cousas cómicas, e um *ohé!* de troça que faz ver immediatamente ridículo onde todo o mundo via solemnidade e circumspeção, á parte este adorável garoto — o resto do povo toma ar de occasião. Os homens embrulham-se em panno preto; as mulheres em seda — quasi sempre seda côr de passa. Desaparece a muito apregoada blouse do operário, a imensa blouse azul ou parda, para surgir o frack, este fracksinho apertado, apertado, esticado, com quatro botões de frente, algibeira sobre o coração para charutos ou lenço de cór, e abrindo em janella gothica sobre o estomago. As mulheres em vez de sahirem em cabello, como sahem sempre ou haja sol ou haja neve, acharam que era chegado o momento para pôrem chapellinho. E pelo chapéu também é substituída esta ilustra e legendaria touca de todas as *concierges*, esta veneranda touca de rendas brancas, engrinaldada com fitas de seda encarnada ou azul, esta famosa touca que reune em si toda a respetabilidade, toda a segurança, toda a vida d'un predio, touca que tem historia em todas as paginas célebres, nas paginas de Gavarni, de Daumier, de Cham, de Balzac, de Dumas e de Zola...

— N'esta multidão parisiense em dia de festa não só desaparecem os typos characteristicos de cada umá das diversas

classes populares, mas até desaparece o espírito e o bom senso. A multidão tudo amassa, tudo achaça, tudo uniformiza. É a uniformidade do vulgar.

Uma vez por semana Paris deixa de ser Paris — é aos domingos, como deixa também de ser Paris no *14 de julho*. Domina a pasmaceira. O primeiro balão de papel que atravessa sobre os telhados da Opera em direcção aos Invalidos, põe todos os narizes no ar, — e ainda na vespera ninguém se deteve um minuto a olhar o balão de caotchouc em cuja barquinha um homem de sciencia, com risco da propria vida, ia fazendo observações metereologicas. Uma corneta de caça é capaz de provocar o mais louco entusiasmo; e um foguete faz abrir todas as boccas n'um immenso O de admiração e de espanto. Qualquer cançona imbecil obtém um exito extraordinario ganida pelo primeiro semsaborão anonymous; e homens, e mulheres, e creanças para satisfazer e apagar ataques de alegria, de bem estar e de patriotismo, esfalfam-se a soprar furiosamente em *mirlitons* e em cornetas de papel.

E dizia-me n'essa noite de *14 de julho* um amigo meu, um illustre romancista, com uma grande intenção ironica :

— *Ora aqui tem você o espírito parisiense!*

E passava um casal de braço dado, elle meio turvo, ella suada e cheia de poeira, e os dois cantando melancolicamente :

Je suis la femme
De l'astronomie
Do la place Vendôme.

E o meu amigo a espicaçur-me os ouvidos, a dizer-me insidiosamente como se fosse eu o culpado de toda esta semsaboria :

— *Ande! repare-me no tal espírito!*

E um bando, e outro, e mais outro caminhando na nossa frenê em passo acelerado, em passo militar, a grunhir em córo :

Tiens! voilà Mathieu!
Comment vas-tu, ma vicille?

E o meu amigo a censurar-me, a reprehender-me, n'um tom de quem desejaria queimar-me vivo :

— *Pois você não aplaude o tal espírito parisiense...*

E todo este mundo, esta multidão derreada e já meia somnolenta, horrorisava pela melancolia das suas expansões, pela insipidez dos seus cantos, pelo que há de funebre nos seus gritos d'alegría.

— Devemos confessar-o: O povo parisiense é o povo mais alegre da terra, — mas quando se vê de perto cada individuo, quando se apanha isolado cada typo, quando cada typo caminha livremente sem mundo em volta que lhe tolha e lhe restrinja os movimentos. Em massa, porém, esse povo é geralmente semsaborão. E em Hespanha, por exemplo, dá-se exactamente o contrario. No campo ou na cidade, o individuo em geral não é agradável, o homem tem o ar fatal ou o ar estupido, a mulher o ar indolente, o ar somnolento muitas vezes. E a multidão como ella é viva, alegre, ruidosa, gritando tudo harmonicamente — as garrantas das raparigas e as córes das *toilettes*!

Talvez que se possa definir o typo parisiense do seguinte modo :

— *Um parisiense isolado é quasi sempre um homem de genio, vinte parisienses juntos são quasi sempre vinte imbecis!*

— E no tocante a *espirito* muita gente ha que pensa d'este modo :

Que basta entrar em Paris, tomar o primeiro *fiafre* que passa na rua e trocar um dialogo curto com o cocheiro, — para se ver escorrer dos labios d'esse cocheiro a mesma graça, a mesma finura, a mesma ironia que escorre d'uma pagina de Karr.

Que basta surprehender a primeira criadita do hotel escrevendo uma carta onde dá *rendez-vous* nas Tulherias a um Hercules do corpo de *hussards*, — para se encontrar n'essa carta a mesma singeleza aristocrática d'estilo, a mesma doce ironia feminina que se encontra nas epistolais dirigidas por George Sand ao príncipe Jeronymo Napoleão ou a Gustavo Flaubert.

Que basta surprehender a primeira munida que se debruça do *landau* atulhado de lilases brancos para falar, à sombra das acacias do Bosque, a um socio do *Jockey* ou da *Union*, — para ouvir imediatamente pelo ar um *tlim-tlim* de lindas phrases, como as que scintillam pelas comedias de S. M. Dumas I e de S. M. Dumas II.

— Longe de mim a ideia de querer duvidar d'un aproposito genial d'un cocheiro;

d'uma phrase tão sentida como as sentio a Sand, e que por um acaso cahio, sem mesmo se saber como, da pena d'uma loura criadita, nariz arrebitado e agudo, dentinhos felinos, olhos gulosos e touquinha branca encitada de rendas que sorriem de mistura com ouros de cabellos crêspos;

ou do dialogo finissimo, cortado de mil observações ironicas, d'uma mulher do mundo que se educou pelo lado do sentimento em Musset e pelo lado da ironia em Pailleron ou Droz.

Todo o parisiense tem espirito, todo o parisiense, seja qual for a classe a que pertence, tem o seu *mot*, a sua phrase, no momento em que a sua atenção é ferida por alguma cousa estranha.

Mas isto que se chama *espirito parisiense*; isto de que todo o mundo fala e onde todo o mundo se desejaria educar; isto, esta cousa que espuma d'esta immensa caldeira — Paris — constumente em ebullição; isto que nos espanta, que nos surprehende, que faz passar, que toda a gente viveja, que toda a gente procura reproduzir; isto a que a Alemanha tem mais medo que a duzentos exercitos franceses pela simples razão de que as balas não entram com elle; isto que não allumia só Paris, mas que vai allumiar uma pagina de livro aos confins da Russia e um trecho de chronicas aos confins da America — isto, este sublime *isto!* é que se não encontra ao voltar do primeiro café, nem na estufa da primeira princeza na moda...

— Não é a população de Paris que produz o *espirito*, não são os parisienses que o fabricam — é apenas um pequeno grupo d'homens, cada qual isolado no seu canto, enterrado no seu gabinete de trabalho, plantado a sua meza, diante de folhas de papel em branco, onde uma pena desenha o pensamento e a phrase que acaba de pescar no fundo negro d'un tinteiro.

E tre muitos nomes que n'este momento me accodem vou destacando :

na poesia — Hugo, Lecomte de Lisle, Sully Prudhomme, François Coppée, Bainville;

no romance — Zola, Daudet, Goncourt,

Droz, Barbey d'Aurevilly, Halevy, Feuillet: *na critica* — Taine; *na commedia* — Augier, Dumas, Sardou, Labiche, Pailleron; *no jornalismo* — Vacquerie, Rochefort, Vallès, Wolff, Scholl e About.

São todos estes sujeitos — banda mesquinhio se o compararmos com esta população de 3 milhões d'habitantes de que é formado Paris — são todos estes sujeitos os que verdadeiramente produzem, os únicos que produzem o muito celebre, o muito famoso *espirito parisiense*, que Eça de Queiroz ainda há poucos dias, passeando contigo ao longo do boulevard dos Italianos, classificava de *segundo Paris* — « aquelle que eu amo, que eu adoro, que me chega todos os dias pelo correio, a Bristol, cintado e estampilhado, sob a forma de jornaes, de revistas e de livros, por que o outro Paris, a este que nós estamos pisando... han! abo-mino-o! »

E cousa celebre. Muitos homens de talento abominam Paris — mas todas as vezes que podem fogem para Paris, vêm repousar a Paris. E porque Londres, Berlim ou Vienna são tão cruéis para os pobres viajantes que apenas elles lá chegam parece que os deixam no vacuo, que lhes saltam ao pescoco, que os estrangulam, sem tempo terem para protestar. Em quanto que Paris é tão boa pessoa, tão nosso amigo, este seu *ur* é tão nosso conhecido, sabe tanto ao ar da nossa terra e põe-nos tão à nossa vontade — que o meu amigo Eça chama ao Bosque uma *ignominiā* como *ignominiā* tumbeira elle chama a Ciutat... achando contudo estes dois sítios admiráveis!

MARIANO PINA.

O nº 8 da *ILLUSTRAÇÃO* contém interessantíssimos desenhos sobre a época dos hunos na Europa, destacando-se uma soberba página de Adrien Marie, o colaborador assinado do *MONDE ILLUSTRE* de Paris e do *GRAPHIC* de Londres.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM MEETING

No *Salon de Paris* d'este anno, o quadro que hoje damos na nossa primeira pagina brilha pela graciosa de assumpto e pela beleza de acabamento. Sobretudo o assunto, mesmo pela sua simplicidade, é delicioso, e n'este reunião ingenua de meia duzia de rapazolas saídos da boca da escola, e n'este título *Um meeting*, ha uma certa ironia suave que vai bem com o quadro e que ainda mais resalta e mais brilha ao saber-se que a obra é de sahio do piacel d'uma senhora, de M^a Bashkiroff. O título é uma alusão finissima aos próprios paes d'aquelles garotinhos que em vez de trabalharem honradamente nas officinas, andam berrando em reuniões políticas contra os burgueses e contra o infame capital, imaginando mudar as coussas à superficie da terra apenas com rhetorica, e Deus sabe quo rhetorica elles empregam!

E os filhos tambem conspiram, tambem organizaram o seu *meeting* ao canto d'aquelle tapume. Simplesmente a sociedade não tem que temer d'aquelles conspiradores. Não planejam ainda destruições de thronos, proclamações socialistas. Será para mais tarde. Hoje aquella meia duzia contenta-se apenas em escutar os projectos do mais velho, que lhes ensina o melhor modo de amanhã fazerem *gazeta*, e irem para os campos spanhar ninhos e roubar cerejas.

O talvez que a conspiração seja ainda mais terrível. Alguma vingança a exercer sobre alguma cunhada. E amanhã, quando todos estiverem longe das vistas do mestre, amanhã, na primeira praça, vai-se travar batalha, acabando sempre a luta com algumas cabeças rachadas.

Resulta o que resulta d'aquelle *meeting*, ou uma *gazeta* à escola ou um ataque a um pôrme ou varas cabeças partidas, o que não podemos deixar de confessar é que o quadro é magnifico e que hode receber dos nossos leitores as mesmas sympathias que encontrou entre o publico que frequentou este anno o *Salon de Paris*. A gravura em madeira é devida ao buril do nosso illustre collaborador Ch. Baudé.

O CHOLERA EM FRANÇA

A PENAS correu a primeira notícia da aparição do cholera em Toulon, os doutores Brouardel e Proust, membros da comissão d'hygiene publica, partiram para o departamento do Var a convite do ministro do commercio, sr. Hérisson. Tratavam de ir estudar e determinar a natureza da epidemia.

Segundo os primeiros relatórios dos dois ilustres medicos lidos à Camara francesa pelo sr. Hérisson, parecia resultar que se estava em presença não do terrível cholera indiano mas d'um cholera benigno, nascido em terras de França e não invasor, n'uma palavra — sporadic. Não obstante um inquerito dos mais minuciosos no qual os illustres medicos foram ajudados por todas as autoridades, não lhes foi possível descobrir por que meio o germe do cholera asiático foi importado em Toulon. Havia contudo duvidas n'estes relatórios, duvidas justificadas por que o desenvolvimento da epidemia accusava o cholera asiático. Esta opinião apresentada à Academia de medicina foi combatida pelo celebre doutor Faivel na mesma sessão. O doutor Faivel optava pelo cholera benigno. E o cholera *nosstras*, *o nostras*; e na opinião do dr. Faivel não há razão para estas medidas quarentenarias rigorosas, para estas desinfecções ridículas que não produzem nem podem produzir nenhum efeito!

Mas apesar do dr. Faivel asseverar que elle é *nosstras*, o cholera nem por isso deixa de apresentar o caracter asiático, predominando em Toulon e em Marselha os casos fulminantes que se decidem em duas horas.

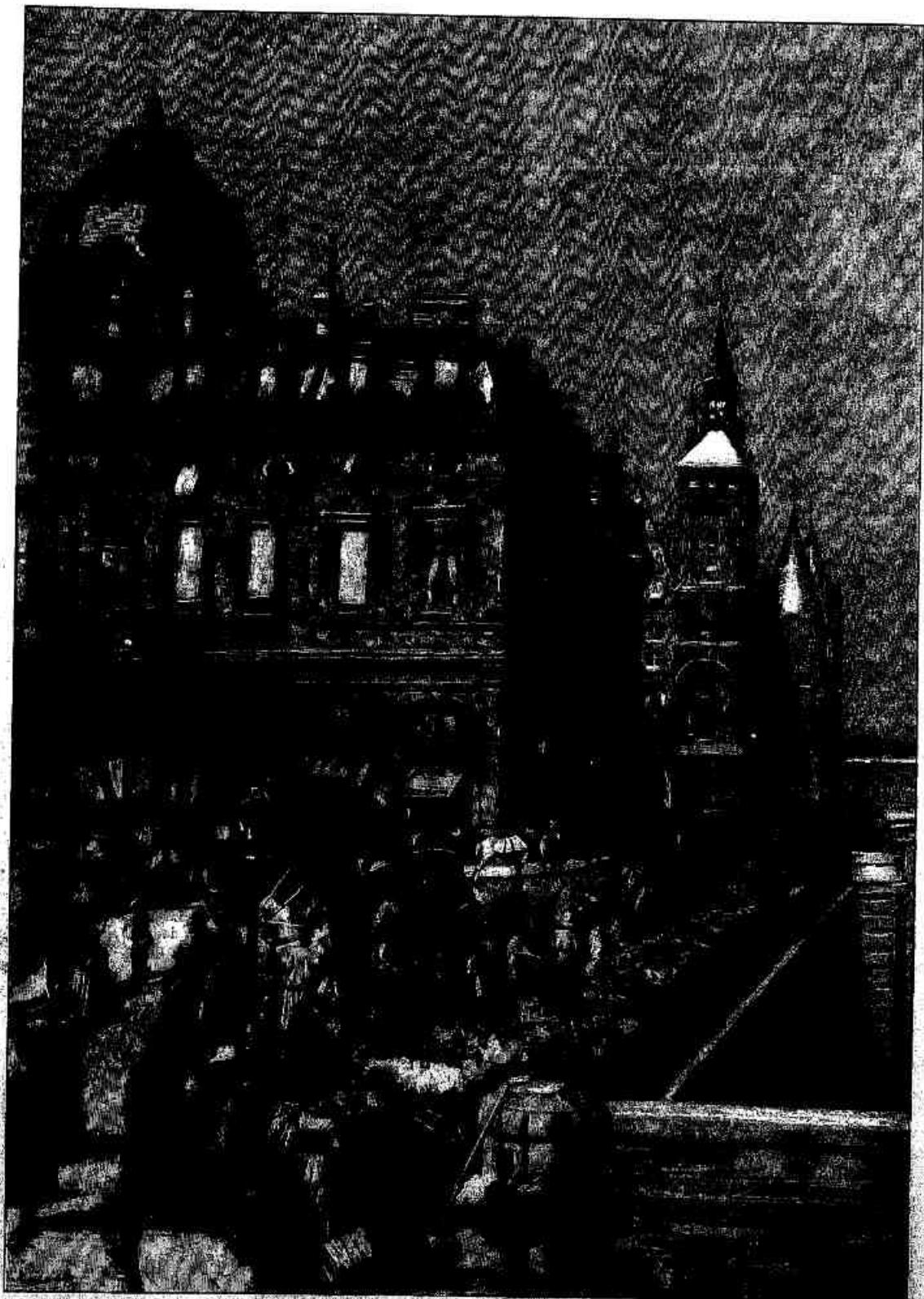
Nada poderá descrever o aspecto desolador de Toulon. De 70,000 habitantes restam apenas 6,000. De dia raros são os transeuntes, as lojas fechadas, as janelas e as portas fechadas também. A entrada da noite o aspecto muda. As portas abrem-se, os habitantes saem de suas casas. Acendem-se então fogueiros em todas as praças, no longo das ruas, muito proximas umas das outras, a vinte metros de distancia quando muito. Reunem-se em torno d'estas fogueiras, atiram-se foguetes e morteiros, dançam-se em redor, toda a gente se esforça para afugentir o terror, finge-se alegria e tudo isto é d'uma tristeza desconsoladora. E no meio de tudo isto, de toda a parte se evolam os mais exquisitos cheiros: os desinfectantes! A maior parte d'estas fogueiras são alimentadas a alevaço. Chamas intensas elevam-se à altura de cinco e seis metros, precedidas d'uma espessa columna de fumo muito negro. O nosso desenho representa uma d'estas fogueiras, sobre o cais, não longe do palácio do Hotel-de-Ville e proximo da estatua colossal em bronze representando o *Genio da negociação*, erguendo-se alta sobre o seu pedestal de marmore. O outro desenho que encima esta nossa gravura representa o hospital de Saint-Mandrier em Toulon, um dos hospitais mais bem organizados de França, que hoje está prestando importantíssimos serviços, servindo n'este momento para os cholercos militares. Fica situado na península do cais, e tem a forma um anexo do hospital de marinha.



O CHOLERA EM FRANÇA : O hospital de Saint-Mandrier proximo de Toulon.



O CHOLERA EM FRANÇA : Aspecto dum case em Toulon, durante noite, quando se accende as foguinsas d'alcetrio.



PARIS PITTORESCO : O mercado das livrarias. — Desenho original de R. Amoêdo.

A ILLUSTRAÇÃO

Sabem que, desde que se declarou a emigração dos habitantes de Toulon, o flagelo saído para fora d'esta cidade, espalhou-se um pouco por toda, a parte, ameaçou seriamente Paris, mas onde está fazendo enormes victimas, além de Toulon, é em Marselha. Para evitar que o flagello se propagasse por toda a França tomaram-se grandes precauções em todas as cidades. A importação dos fructos e dos legumes vindos do Meio Dia da França foi prohibida em Paris; e a polícia mandava submeter todos os viajantes e bagagens que vinham pela linha de Marselha, nas gares, a quarentena mais ou menos prolongadas e a medidas de desinfecção. Um dos nossos desenhos representa as precauções tomadas na gare de Lyon, em Paris. A chegada à estação nos wagons especiais que a Companhia teve o cuidado de lhes reservar, os viajantes vindos de Toulon e de Marselha, estacionavam durante meia hora n'uma sala especial de desinfecção, regada a cada instante com phenato de soda em proporções consideráveis e onde estavam dispostos apparelhos contendo crystais d'acido sulphúrico nitroso. Enquanto os viajantes ali estavam, os inspectores de polícia do ministerio do interior tomavam os seus nomes e moradas, de modo que se podesse constatar com a maior facilidade a origem do primeiro caso que se déssse em Paris. Mas estas medidas de desinfecção nas gares foram postas de parte por insuficientíssimas para combater o cholera, entrando hoje livremente em Paris, sem fazerem quarentena, os viajantes de Toulon e de Marselha que venham refugiar-se na capital. Damos esta gravura como pura curiosidade pois que o sistema de desinfecção já acabou, o que veio confirmar, em parte, as opiniões do ilustre dr. Faivel, um dos membros mais respeitáveis da Academia de medicina de Paris.

A esplendida gravura que publicamos na página 104 é bastante eloquente e o assumpto tão profundamente dramático e tratado com tanto talento, tanta verdade e tanto sentimento, que não necessita de largas explicações.

O nosso quadro representa um publico composto de gente pobre que n'uma sala d'estação de caminho de ferro, espera o momento da partida do comboyo, para fugir aos horrores da epidemia.

A miséria é bem patente: as crianças, nazeem d'olhos assim tão pallidas, tão tristes, com um ar faminto e doentio... E temos o desolador da figura de pobre viúva cujo marido fôr vítima da terrível epidemia, e que n'esse momento vai partir, nem ella sabe para onde. Tudo de caco, arrancar as duas creancinhas aos horrores do terrível flagelo, e d'aqui a pouco andar talvez de porta em porta, por essas estradas alem, mendigando o pão com que lhes hâde matar a fome!

Esperemos que em breve o cholera desapareça d'este solo abençoado de França, para que finalise bem depressa esta época tristíssima de lucto, de miséria e de terror que estamos atra-vessando, pondo em sobre-salto não só toda a França mas toda a Europa.

O MERCADO DAS FLORES

RODOLPHO Amôdo, o distinto pintor brasileiro pensionista do Estado em Paris, vai ser um dos nossos assiduos colaboradores artísticos. Esta notícia deve ser recebida com bastante agrado por todos os numerosos assignantes que possuímos no Império, podendo elles apreciar nas páginas da *Ilustração* a fina educação artística d'este seu compatriota cujo talento se desenvolve gradualmente deixando já antever n'este rapaz cheio de aspirações e de vontade um pintor de largo futuro.

O desenho original que hoje damos, feito expressamente para a *Ilustração* e que foi facilmente reproduzido pelos modernos processos da gravura chímica, representa um canto curioso do Paris pittoresco e que tem já seduzido o lapis de bastantes artistas.

Rodolpho Amôdo tratou com grande felicidade este aspecto original do cais do Sena donde se vê o mercado das flores, proximo da igreja da *Notre-Dame*. O movimento do cais em manhã de mercado foi surprehendido com immensa verve, e nas edificações que formam o fundo do quadro advinha-se imediatamente Paris — primeiro o grande edifício do tribunal do comércio, mais ao longe as torres da Conciergerie, dependencias do palacio de justiça, onde o anno passado esteve preso o príncipe *Séronymo Napoleão* (cujo retrato démos no ultimo numero) quando elle mandou affixar nos muros de Paris o seu extraordinario manifesto politico de pretendente ao trono de França.

Mas não é só Paris o que o nosso collaborador vai tratar nas páginas da *Ilustração*. Outros vão ser os seus trabalhos e que vão certamente despertar immensa curiosidade no nosso público d'alem-mar. São estudos puramente brasileiros o que elle está preparando, páginas deliciosas arrancadas ao seu album de recordações da patria, trechos de *paysagens*, estudos de *typos*, pontos de vista — croquis esplendidos onde se advinha todo o pittoresco do Brasil, tratados por um fino artista e por um bom patriota.

O desenho que hoje damos de Rodolpho Amôdo, pura phantasia parisiense, mas onde se vê um desenhador capaz de competir com os de Paris que teem passado já pelas páginas da *Ilustração* — é o bastante para se avaliar o quanto há-de ser *sympathicos* e vividos os seus croquis brasileiros, a que auguramos desde já um merecido sucesso, tanto mais que é a primeira vez que o Brasil vai ser artisticamente tratado nas páginas d'uma ilustração. Cabe-nos essa honra e essa glória. Crêmos mesmo que é a primeira vez que um artista brasileiro emprende como o lapis aspectos curiosos da sua terra.

A *Ilustração* só tem que se felicitar inau-gurando semelhantes trabalhos e contando como collaborador efectivo um dos rapazes mais distintos da nova geração d'artistas brasileiros.

A CAIXA DO CORREIRO

LOBICHON é um dos mais notaveis pintores de crianças que a França possue. Foi elle que mais acentuou na tela o tipo delicioso do *bébé* francês, o tipo característico, verdadciramente nacional, que se advinha e se reconhece á primeira vista, esta criaturinha alegre e viva mas conservando sempre, apesar das neves do norte, este tom latino, este ar meigo, este vago sentimento de poesia que distancia a nossa das outras raças. Fez do *bébé* francês um tipo, com os seus tics caracteristicos, como em Inglaterra Katy Greenway descobrindo a formula para desenhar e pintar o *baby* inglês.

O quadro que hoje damos é um dos mais apreciados d'este autor, e Lobrichon é um dos artistas que mais se deseja ter n'uma boa galeria de modernos. E quem, por esse mundo, não ha de gostar d'estes assumptos deliciosos, onde os personagens principaes são apenas creancinhas vistas pelo seu lado mais sedutor e mais bello e mais ingenuo: *A Caixa do Correiro* é uma tela encantadora como tantas outras do mesmo autor, não só pela perfeição do desenho e beleza do colorido, como pela graciosidade de todos estes pequeninos dramas que se passam entre bebés.

O nosso collaborador Ch. Baude conservou a obra do pintor toda a graça e toda a poesia que resaltam de tão deliciosa tela.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA EM MONT-SOUS-VAUDREY

O dia 24 de julho partiu para Mont-sous-Vaudrey, como já o fazia no tempo em que era simples presidente da Camera dos deputados — o sr. Jules Grévy. A nossa gravura representa a casa de campo do illustre presidente da Republica, em Mont-sous-Vaudrey, uma aldeia da região do Jura, onde o sr. Grévy nasceu.

A habitação fica situada proximo da grande estrada de Dole a Arbois, no extremo d'uma avenida. É guarneida por uma grade de ferro, como a casa do mais simples proprietario. A habitação compõe-se de dois andares. Em frente da estrada uns grande pelouse; um vasto parque, todo murado, rodeia a casa; e ao fundo do parque corre um rio.

Uma modesta cavalaria serve d'asylo a uma mula, o que forma toda a caudaria do presidente!

No rez-do-chão fica a casa de jantar, ornamentada de falanças antigas e de naturezas mortas. Um cuco suíço canta as horas, e a baixela da casa é das mais modestissimas. Ao lado fica a cosinha, immensa, com uma d'estas grandes e altas chaminés, como só se encontram nas antigas casas de província e nas quintas ricas.

No primeiro andar um salão em damasco vermelho, illuminado por duas janellas, muito simplesmente mobilado, e comunicando com os quartos da esposa e da filha do sr. Grévy.

O aposento do chefe da casa consta d'um quarto onde se vêem alguns bons quadros, e onde o sr. Grévy dorme n'uma simples cama de ferro, e d'um gabinete de trabalho forrado de papel verde, onde ha estantes com mais de 3,000 volumes sobre direito. Um grande numero de objectos d'arte, provenientes da casa que o sr. Grévy habitava em Paris quando era simples particular, vieram enriquecer a habitação de Mont-sous-Vaudrey, onde o Presidente da Republica se repousa durante algumas semanas da sua vida politica.

A vida do presidente na sua casa de campo é a mais patriarchal que se pode imaginar. Depois de ter respondido a assumptos indispensaveis ao alto cargo que occupa, passa o seu tempo a jogar o xadrez em que elle é forte, e algumas vezes tambem se joga o whist. Tambem se joga o bilhar n'uma sala do segundo andar, jogo em que elle tambem é distinto.

Chegado setembro este genero de vida varia um pouco. O sr. Jules Grévy é um caçador de primeira ordem.

Vigoroso como um montanhez, vivo apesar da sua avançada idade (setenta e quatro annos), o Presidente da Republica desde o amanhãcer percorre campos e atravessa matos. Quasi todas as suas manhãs são passadas na caça. É um dos pontos de contacto que existe entre elle e Washington e Mac-Mahon, de que todos conhecem os meritos como grandes caçadores.

PER AMICA SILENTIA...

Pelas ondas do tempo arrebatados
Até à morte tremos,
Soltos ao longo do balé da vida
Os esquecidos remors.
— Machado de Assis — Noyano.

Levے singrava a nossa esguita barca.
Fagueiro estava o ar e o mar fagureiro.
Lembras-te? A proba a voz do gondoleiro
Cantava uns versos do immortal Petrarcha.

A aura marinha a suspirar beijava
A fluctuante, a tremulante vela
Bem como um labio... — e a vela palpitará
Como palpita um seio de donzella.



O CHOLERA EM FRANÇA: Os últimos que fogem de Teulon. Famílias d'operários na estrião do caminho de ferro.



« On a souvent besoin d'un plus petit que soi. »

A CAIXA DO CORREIO

Quadro de Lorrain

A II. ILUSTRAÇÃO

*As majestosas cathedræas erguiam
Os imponentes vultos solitários;
De longe em longe, os echos repetiam
Quebrados sons de velhos campanários.*

*O sol sem raios lento agonisava
Na curva do horizonte... Preguiçosa
A casta Diva pallida esgarçava
Da firmamento a gaze nebulosa...*

*Sobre o rochedo a pique em alto bando
As gaivotas pouzavam, uma a uma,
E o torvo mar, junto ao rochedo uirando
As borrisfara de alvacentia espuma.*

*Frouxo, indeciso ainda scintillava
O clarão do pharol na alta collina,
E a Noite como um sonho deslizava
Calma, estrellada, estatíca, divina!*

*E quando a nossa aventureira barca
Ia ondulando sobre a raga nua,
E o gondoleiro us versos de Petrareia
Lançava aos raios da chorosa Iua,*

*Minha alma igual à esseuia vaporosa
Que a terra exhala quando a noite desce,
Bem como uma alma que viveu na rosa
E torna a Deus como invistrel prece,*

*Voava a ti, oh meu amor! oh pura,
Pura visão dos mais felizes dias:
E tu, reflecta de infantil ternura,
Me contemplaras timida, e sorriás.*

*O que eu te disse nem o sei agora!
Pôde-se acaso relembrar o canto
Que a ave modila na primeira aurora
E o coração em seu primeiro encanto?*

*O certo é que minha vida inteira
Se transformou por ti... Nesse momento
De altivo gozo e gloria sobranceira,
Ante o sublime altar do firmamento,*

*Minha alma errante, pavida, descrente,
Oh peregrina flor do Paraíso,
Fet-se mais pura que o cordeiro algente...
E bastou para isso um teu sorriso.*

LUIZ GUIMARÃES.

O ULTIMO HOMEM

A ULTIMA MOEDA

ESTAVA sentado à minha janella. O dia baixava, o calor estava enervante. Andava tempestade no ar; uma d'estas tempestades indecisas, que relampajam, mas que não rebentam.

Os jornaes que tinha lido escorregaram-me das mãos, a minha cabeça, pesada, encontrou um ponto d'appoio -- e adormeci.

Tive uma visão estranha.

Ei! a.

I

Na parte mais alta do ceu, sobre uma nuvem afoguada, estava sentado o diabo. Não era o diabo grotesco, desancado por Polichinello, escarnecido por Guignol; o Mephistopheles infantil de Goethe que aponta Margarida durante cinco actos ficando sempre na mesma, sem ter adiantado um passo; o diabo de patas rachadas, cabelludo, com chavelhos, de todas as tentações de Santo Antonio; não, era o Satan

terivelmente bello de Milton, de Byron, e de Alfred de Vigny. O vento fazia ondular as grandes madeixas da sua immensa cabellera preta, e vergava as suas grandes asas de plumagens multicores.

Ele estava sentado ao lado d'elle, fazendo bem triste figura. Agarrava-me conforme podia as escarpas da nuvem que me servia de assento, e se não estivesse abrigado pelo meu colossal vizinho, o furacão ter-me-ia lambido e arrastado como se fôra um feto. Estava envergonhado do meu corpo, tão pequeno e tão mesquinho era. O meu fato, cujo corte sapiente e elegante eu ainda admirara na vespere, parecia-me grotesco, e figurava-se-me que eu era como estes mendinhos cães rachíticos que se toleram em certas casas contanto que não sejam enxovalhados.

— Olha! disse-me Satan.

— A minha vista adquiriu imediatamente um poder de percepção sobrenatural. A terra, que até ali me parecia simplesmente um corpo opaco, incolor, immovel, perdido na neblina, a terra animou-se e pude abrangle-a com um só golpe de vista, d'um polo a outro polo. Tudo para mim se tornou bem distinto. Segui a borboleta na sua carreira, ao longo das sebes; suprehendi no fundo dos mares monstros dignos de figurar no Apocalypse; distingui os infinitamente pequenos que se debatiam n'uma gotta de chuva; descobri de todos os lados regiões ainda ignoradas; nada me escapou. Cada um dos meus sentidos se aperfeiçoava ao mesmo tempo. Os ruidos da terra subiram todos até a mim sem se confundirem, e ouvi tão bem o zumbido dos besouros como as musicas militares nos jardins de Paris, o ruído dos degélos como os discursos parlamentares, os beijos furtivos dos amantes como o esfervilhar das saias de seda. E durante este tempo, o perfume dos jardins, o bom cheiro dos bosques, as fortes exhalacões do mar chegavam até a mim como um incenso, de todos os pontos do globo.

A especie humana turmigava sobre a bola do mundo como os insectos sobre o fructo sorvado caido no meio d'um campo. Tudo isto ia, vinha, desancava-se, acariciava-se, estrangulava-se, calumniava-se, conforme podia. D'este ponto elevado que eu ocupava, a natureza pareceu-me cem vezes mais bella e o homem cem vezes mais abjecto.

O tempo deixou de ter para mim esta lentidão desesperadora que faz de cada relgio um instrumento de suppicio e de tortura; os sinos badalavam séculos em vez de horas.

Assisti ao nascer do mundo. Deixaria furiosos bastantes sabios se contasse o que vi. Mas de que me serve destruir os seus pobres monumentos scientificos? Chamar-me-iam doido, e alguma casa com portas aferrolhadas, de frestas com grades de ferro, teria de me receber e eu teria d'ahi ficar até ao resto de meus dias. Que Deus me livre de m'expôr a semelhantes torturas! Senhores Sabios! senhores Doutores! Os senhores têm toda a razão...;

— Olha! diz Satan mostrando-me uma

moeda de cobre cuja esfigie não pude distinguir, é isto que ha de perder o homem!

E deixou cair a moeda sobre a terra.

II

Já teem visto algum viveiro cheio de peixes? O rebanho ondulu feliz e pacifico, fazendo brilhar ao Sol as escamas nacardadas, mergulhando até ao fundo das aguas para ir lá enterrar o fructo dos seus amores. Tudo o satisfaz e nada o irrita. O rebanho gosa ingenuamente das larguezas de Deus. Mes algem passa e desejando gosar do spectaculo d'uma batalha, atira com um bocado de pão para dentro do viveiro. Immediatamente fazem explosão os instincos ferozes. Os mais sobrios são os mais vorazes. Todos se precipitam sobre esta presa indigna de semelhanças exforços. Trava-se a lucta. Feridos e mortos boiam dentro em pouco, inertes, pelas margens, e o pão ensopado, esmigalhado pelo combate, perde-se na lama sem ter a proveitado a nenhum d'elles.

A moeda de cobre cahindo sobre o mundo produziu o mesmo effeito.

III

Os homens caíram uns sobre os outros, servindo-se das unhas e dos dentes para se dilacerarem. Depois, armaram-se de pedras e inventaram a funda e o arco para se ferirem de longe. Isto não os satisfez, sentiam-se capazes de fazer mais mal ainda. Forjaram ferro e fabricaram instrumentos pesados para esmigalhar, cortantes para destruir os membros, agudos para se furarem. Como apesar de tudo isto nem eram mais ricos nem estavam mais felizes, julgaram ter feito um milagre e aproximarem-se do seu fim — aperfeiçoando os meios de destruição. Então, a pólvora fez a sua entrada no mundo. Aos arcabuzes succederam os mosquetes, depois as espingardas de pederneira, de fulminante, d'aguilha, depois os chasse-pots, os canhões raiados, os torpedos, as metralhadoras, as balas explosivas... e mais coisas que nem sei mesmo nomear!

E ouvi os soberanos que diziam:

— Havemos de combater pela independencia da peninsula enquanto houver um homem e uma moeda!

— A nossa capital pertence ao mundo christão, devemos-lh'a conservar. Havemos de combater pela nossa fé enquanto houver um homem e uma moeda.

— Exigem-n'o as nossas fronteiras naturaes. Havemos de combater enquanto houver un homem e uma moeda.

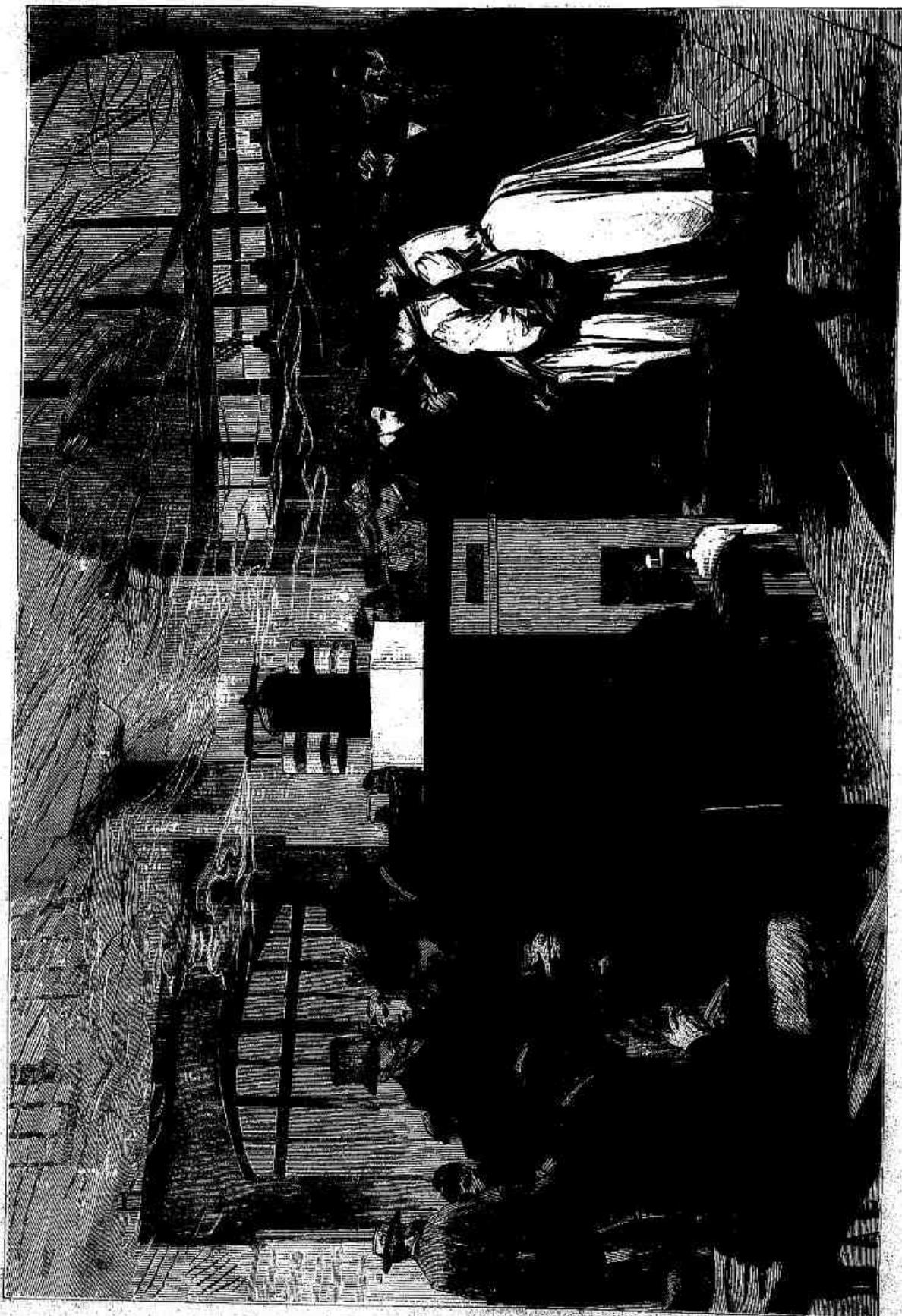
— Seria faltar ao nosso glorioso passado não sacrificar tudo á unidade da nossa patria. Os nossos irmãos chamam-nos, combatemos enquanto houver um homem e uma moeda.

Os presidentes das republicas exclamavam:

— Nós somos o futuro. Nós guiamos ao combate as gerações fortes. Avante! irmãos, combatamos até ao nosso ultimo homem e até á nossa ultima moeda.

E os soberanos repetiam em coro:

— Nós somos a verdade, os eleitos de Deus, os depositarios da felicidade dos povos. Ha-



O CHOLERA EM FRANÇA: Destinados a que eram sujeitos os viajantes de Toulon e de Marselha ao emigrarem a Paris



Dr. Proust.



Dr. Fauvel.



Dr. Brouardel.

Os medicos franceses que mais têm estudado a actual epidemia.



A casa de campo do presidente da Republica francesa em Mont-sous-Vendrey.

A ILLUSTRAÇÃO

mos de os tornar felizes enquanto houver
Morto que tenha uma moeda na algibeira.

— Podeis por estas palavras, por toda a vossa homens se dilaceravam, se metralhavam, se estrangulavam, em nome do Progresso da Ordem, da Liberdade, da Fraternidade, das Religiões, como se progresso, orvalhos, morte, fraternidade e religião não fossem synonyms de Paz. As batalhas eram mortíferas, que os sobreviventes extenuados não tinham forças para enterrar os mortos.

Isto durou séculos, sem descanso, sem tréguas. A terrível guerra que se fôr a uma espécie de crime, usavam puramente.

Messes eram os resultados desta loucura de morte, reinando, reindicando os seus direitos humanitários, de tal forma que continuava o resto em que deixaram de existir. E finalmente, dos combatentes ia sempre caminhando o terror de matar ia sempre aumentando.

Este quadro causou-me horror e fechei os olhos.

IV

Ouvei ainda durante alguns séculos o barulho dos fusilamentos, o tremor da artilharia, os uivos de raiva e o canto dos que estavam agonizando. Depois tudo se apaziguou e fez-se o silêncio.

Então Satan soltou uma formidável gargalhada, e ergui as palpebras.

— Olha! me disse elle.

Sobre a terra, o último homem de cada Estado tinha-se sentado em volta d'um pano verde para deliberar. No centro da mesa estavam espalhadas as últimas moedas de que elles procuravam apropriar-se por meio de negociações.

Felicitaram-se mutuamente do quanto tinham sido moderados. As grandes palavras d'Ordem, de Liberdade, de Religião, de Fraternidade, de Progresso, foram mais uma vez postas em evidência; mas depois deixaram de sorrir e a luta recomeçou.

Está agonia da espécie humana não durou muito tempo. Pude ver em breve o último homem, mutilado, escorrendo sangue por várias feridas, contemplar sorrindo a última moeda de que era enfiado o senhor incontestado.

Mas, passadas algumas horas, fatigado de se arrastar por este cemitério, não sabendo ugurar que destino dar a esta moeda de cobre que se tornou inútil por que já não podia servir-se d'ela contra o próximo, o último homem, enfurecido, deitou fora a última moeda e poe-se a chorar.

V

E si então chegar em voo rápido um anjo resplandecente que gritava:

— Coragem! irmão, eis-me aqui! Sou o anjo da Paz.

O homem ergueu-se, e estendendo a mão para o recente vindo:

— E tarda! murmurou elle. Já aqui não tem que fazer, sedutora visão. O anjo da paz

eterna, aquelle que me vai socorrer, não é tu, é a Morte.

E pegando na última moeda que estava asquerosa, coberta de verdead, engoliu-a e morreu envenenado.

— Boas noites, collega! disse riado Satan ao anjo divino, chegaste tarde como de costume. Podes agora tomar conta dos teus cadáveres!

E vi o corpo do ultimo homem apodrecer, a sua carne desfazer-se aos bocados, o seu esqueleto desmembrar-se, e através das costelas, reunidas em ligeiras arcadas, reluzir ao sol a ultima moeda.

VI

A natureza, um instante perturbada pela passagem da nossa raça, recomeçou livremente a sua obra.

Pouco a pouco as estradas foram desaparecendo sob as herbas. As lianas tomaram d'assalto os monumentos; os silvados, as relvas, o vento, a chuva, destruiram em bem pouco tempo todas as cidades; as estátuas dos heróis rotaram quebradas, confundidas com as pedras. O mar engoliu todas as esquadras. Alguns séculos bastaram para fazer desaparecer todos os vestígios da passagem do intruso.

Então a Terra respirou a sua vontade. A hora da liberdade tinha sopro.

— A qui está o jornal, diz-me o José, o meu criado.

Acordei.

Tinha dormido cinco minutos..

QUATRELLIS.

Nos proximos números, a ILLUSTRAÇÃO publicará um interessante poema intitulado « NOS », a devido à pena do distinto poeta português Cesario Verde. São versos d'um sober extracto e d'uma originalidade curiosa, como só os sabe escrever o moço poeta, um dos talentos mais sympathicos da actual geração literária. 18^o88

NOTAS E IMPRESSÕES

HOMEM resiste menos á tempestade que os monumentos que elle proprio construiu.

Chateaubriand.

Um fogão em Paris parece sempre um pouco comum, deserto, espirito, coqueteiro, prazer, tudo brilha mas tudo se extingue como um fumofumo.

— — — — — Balzac.

Viajar, é apprender; saber, é existir.

Georgi Sand.

Em França o mau não chega nem a ser mau, mas sim porque está velho.

★
Só se deve tocar no inimigo para lhe fazer curvar a cabeça.

BALZAC.

★
Só se começa a perseguir quando se desespera de convencer.

LAMENNAIS.

★
Eu queria que as meninas, como os rapazes, também estudassem o latim. O latim tem uma cousa boa — que ensina a gente a aborrecer-se.

SENNUAL.

★
A liberdade não é uma conquista, mas um direito; sómente é preciso ser maior para o exercer.

ANTONELLI.

★
É um bom symptom para um homem público o ser injuriado pelos seus inimigos.

VAUTOUR.

★
É um péssimo sistema para ler no coração dos outros, affectar que oculta o seu.

Rousseau.

★
O verbo « ser feliz » não tem nem presente, nem passado, nem futuro : é no condicional que elle se conjuga.

PAUL BOUQUEL.

★
O genio político consiste não em créer, mas em conservar; não em mudar, mas em fixar.

RIVAROL.

★
Um ministerio francês é exactamente como o amor : nuno se pode ter uma opinião certa sobre a sua força e sobre a sua duração.

HENRI HEINE.

★
Tenham todos as ideias, todas as philosophias, todas as phantasias que quiserem, mas cheguem depressa ao facto que as contém e que as prova.

ALEX. DUMAS.

★
As leis são fabricadas no Camaro, mas os ministros nos corredores.

GONDINET.

★
A nossa razão é como estes pharaos que iluminam a trez leguas para além da costa, só a distância e de muito longe é que nos veemos as cores um pouco claramente.

G. DROZ.

★
A força de tomar interesse por tudo, o parisiense acaba por se não interessar com cousa alguma.

BATZAC.

★
Nada ha de tão imprevisto como o talento ; e não seria talento se não fosse imprevisto.

Taine.

A 1^º, vence está fórmula de concurso por causa das palavras em copia e separada.

Sómente o que vier terá de sofrer uma pequenina vitória. Nada mais.

Evans, em L. M. = Querida da: a resposta de cima no Sr. Z. O. que também lhe serve. Enigmas ilustrados pode mandar com os figurinhas bem inteligíveis que, voltando-o elas, mudam-se apesarquecer a caixa. Volta a de baixo.

leilão por 1.000 e 1.500 francos. A venda foi das mais curiosas, sendo disputados alguns cruzais com verdadeiro furor.

CASES PERTINENT TO

UN DESENHO DE GAVARNI

É na verdade maladrosa, expressoemo-nos assim, a posição de M. P. ante a pergunta da Baronesa de C... Nós, porém, no caso do mencionado resumo, achamos o problema de seguinte modo:

cionado, escripto em golivarinho, o problema de solvimento modo:
Como de certo a Barroca não exigia do M. P. o juciu que tinha
entre as mãos onde se notificava o horrivel
morte do Barão de C. — principiaríamos,
baixando, não hesitariam por declarar
que am um dos ultimos numeros da Gaceta
(numero que haviamos empregado a uns
aduzir) vinha uma noticia em que se re-
lataava o fato de mordedura do animal ven-
enosos men que a mesma noticia declarava
haviam os homens de scienzia alimentado
se male. Imediatamente, esperimentava o golivar.
A Bermeana ungha como era do magro,
aino que de certo liso, era retirado, em
qual exala havia de semelhante d'assaz tar-
rivel choque, sim, das estreitas esfincções dor-
idas, mas choque, talvez, que tem a enu-
merar-se se experiente n'um mal que ba-
de desaparecer.

Prisões das primeiras impressões aplicar-lhe-íamos palavras condutoras para esse caso, respeitadas. Deste modo a Baronesa lanceada à aflição com a territorial crise, recorreria à proteção de M. P., para lhe mandar não só o futuro empresário, mas também os que de futuro vierem e que falsosem no Brasil. Deste modo, o primeiro passo estaria dado, uma das primeiras, senão a principal dificuldade vencida. Na ordem dos vinte e o jornal que, na véspera, M. P. viuam entre os meios de compreender-se hum de resto da missão.

A Baronesa levava de sacar um golpe profundo, mas não tanto como o que sentiu ao julgarse a morto gozando uma vanidade perfeita. Não só o golpe d'este modo era teria dividido, mas também a nobreza da morte, menos dolorosa, mas também a misericórdia P. d'uma terrível e comprometedora dificuldade.

САНКТ-

Eu, diria à Baroneza C., que malo breve lhe mandaria as mais exatas informações sobre a sorte do marido; depois com quatro palavras preparatórias, remetia-lho o jornal.

Julgare assim porpar a quella senhor a
a miséria sua nalgum deveros desagradavel.
Ora elle não tem coragem bastante e pa-
tentemente nos olhos, d'um exstrochio explosivo
da sua justificativa dor, ou seela, forjada a
representar a seuas repugnantes comodida-
do para desgido. Qualquer d'elles espec-
culou incommodo, por mais embolando que
se calou.

Frigidaria *Semivora*

Environ Biol Fish

Quis M. P. cada à Sra. Burceira de C.,
o numero do seu jornal, onde se dá a notícia
da morte horrívola do Barão de C., e
que a vise de tamanha parda e maledic-
tia, por considerar, aliviarão-a os dár-
os a si filhos, resgatando-a o desvanecendo-a
a triste nova que a impressão, e finalmente
desfazendo as sensações amargas parecidas a
Sra. Burceira de C.

Porto

CERTIFICACIONES

Portanto, os resultados são de 15 extraições efetuadas entre 1966 e 1970, 10 homens, 5 mulheres, o gênero da IHC obtido é sempre o mesmo, é sempre a varanda, e só de vez em quando se obtém a escada. O resultado é invariável, é sempre a mesma ordem, e que não viam, quando entravam, é sempre a mesma ordem, e que algumas vezes eram surpreendidos por esse efeito.

— O seu verso vel-o-lá acima ainda que nos
páginas anteriores temos um parágrafo de hortelã almeida, só que
eu começo do Sr. Fonseca. Como vejam, bem como a solução do
diagrama mencionada é. Baroninha de C., que não é des pelado. Es-
peramos a resolução dos novos enigmas.

Braga. — Salvo o Recomendatório do Maximó Jacobino, não temos nenhuma solução que nos pareça muito aceitável. Continue, sim?

GIMARAES. — Z. O. — Sim senhor. Esta seção tem os mesmos bem como 4 distritos os assignantes que n'ella queriam collaborar.



Um desenho do Governo

em Paris. Gavarni, com Daumier e Cham, são as trez glórias do lapis, no seculo XIX em França.

Tudo quanto havia de ridículo, de comico, de grotesco na sorteadade do seu tempo fôr filtrado magistralmente por estes trez sublimes artistas que em sua vida prenderam a attenção da França, com os trabalhos maravilhosos que sabiam dos seus lapis.

Uma cousa que envelhece rapidamente é um desenho. Mas vejam aquelle que nós hoje damos, feito por Gavarni, há ja bastantes annos. Parece que sahlo n'este momento das mãos dum artista, parece que foi executado ha um minuto, tão verdadeiro, cheio e tonto talento irradia.

Desenhos, como este que a *Ilustração* oferece aos seus leitores, foram compados em

A nossa agência gratuita tendo
apenas por fim ser útil aos leitores
da Ilustração não recode nem exige a mínima
comunicação pelas incumbências que nos forem feitas
sejam elas de que natureza for. Respondemos a todas
as perguntas que nos fizem e encarregamo-nos de fazer
as compras de todo e qualquer artigo parisiense, pedindo
sómente para facilitá-las transações que todos os
pedidos de compras sejam acompanhados das suas respec-
tivas importâncias. Muitos dos nossos leitores desejam
resposta pela volta do correio. Vários nos têm enviado
de Portugal estampilhas de 50 réis. É um gasto excessivo.
Basta mandarem-nos nas suas remessas de dinheiro
mais 10 centimos para um bilhete postal.

Monographs

更多資訊請上網查詢：www.sohu.com